



UFSM



Revista Digital do
Laboratório de Artes Visuais
ISSN 1983-7348
Acesso aberto

Submissão: 20/09/2021 • Aprovação: 30/11/2021 • Publicação: 26/04/2022

E aí curtiu? Redes sociais virtuais: Memória, História e Identidade dos Ifianos

Did you like it? Virtual social networks: Memory, History and Identity of Federal Institutes of Education students

Joelton Rezende Gomes¹
Instituto Federal de Rondônia - IFRO

Mirian de Oliveira Bertotti²
Instituto Federal de Rondônia - IFRO

Jussara Santos Pimenta³
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Resumo

O referido artigo propõe discutir o conteúdo das postagens de estudantes no Facebook, especificamente aqueles compartilhados em comunidades que circundam os Institutos Federais de Educação – IF's. Neste trabalho são apresentados registros compartilhados nas páginas digitais e que podem apresentar-se como fontes historiográficas para a Educação e, concomitantemente, contribuir para a formação da memória individual e social dos sujeitos envolvidos. Para tanto, foi realizada uma análise qualitativa das publicações nas comunidades “IF Obscuro”, “IFerrados” e “De IF para IF”, entrelaçando as postagens às contribuições de Le Goff (2003), Gondar e Dodebe (2005), Chartier (2002), Simões (2019, 2020) e Freire (2019) para, finalmente, compreender de que forma as postagens podem se constituir como fontes para a Historiografia da Educação e representar, por meio da linguagem, as memórias individuais e coletivas dos participantes dessas comunidades.

Palavras-chave: Facebook, Autobiografia, Memória.

Abstract

This article proposes to discuss the content of student posts on Facebook, specifically those shared in communities surrounding the Federal Institutes of Education (IFs). In this study, records shared on digital pages are presented, which can be seen as historiographical sources for Education and, concomitantly, contribute to the formation of the individual and social memory of the subjects involved. To this end, a qualitative analysis of the publications by the communities “IF Obscuro”, “IFerrados” and “From IF to IF” was carried out, interweaving the posts with the contributions of Le Gof (2003), Gondar and Dodedei (2005), Chartier (2002), Simões (2019, 2020) and Freire (2019) to finally understand how the posts can constitute sources for the Historiography of Education and represent, through language, the individual and collective memories of the participants of these communities.

Keywords: Facebook, Autobiography, Memory.

¹ Doutorando do PPGEProf/UNIR, Brasil. Docente de História no Instituto Federal de Rondônia/IFRO, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7312-6179>. E-mail: joelton.gomes@ifro.edu.br.

² Doutoranda do PPGEProf/UNIR, Brasil. Docente de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Rondônia/ IFRO, Brasil. Orcid: d: <https://orcid.org/0000-0001-9148-3068>. E-mail: mirian.bertotti@ifro.edu.br.

³ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ-UL, Brasil (2008). Docente do Departamento de Ciências da Educação Universidade Federal de Rondônia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5283-2509>. E-mail: jussara.pimenta@unir.br.

A memória, história e identidades: linhas iniciais

Vivenciamos, nas últimas décadas, uma verdadeira transformação na comunicação em função das mudanças tecnológicas. Celulares, *tablets*, *notebooks* e redes sociais são algumas das diversificadas ferramentas que proporcionam entrar em contato com um ente querido ou até mesmo participar de uma reunião de trabalho, ainda que esteja separado por quilômetros de distância. Além de proporcionar maior interação, as redes sociais, que se multiplicam a cada dia, possibilitam também ao sujeito desempenhar a sua representatividade e transformar as plataformas em verdadeiros locais de fala.

São nas redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e outras que os cidadãos, que muitas vezes são silenciados pela opressão de uma sociedade eurocêntrica, branca, masculina e dominadora, podem transitar sem a utilização de máscaras ou identidades forjadas por uma sociedade opressora.

O conceito de convivência social foi se transformando com o passar dos anos, dando espaço a um tipo de local virtual que oportuniza a criação de comunidades, grupos e identidades compartilhadas entre determinados estilos e filosofias de vida. São nesses espaços virtuais que os grupos excluídos socialmente e vulneráveis se permitem desenvolver redes em função dos interesses comuns, compartilhando, assim, fotografias, vídeos e informações que corroboram a minimizar os obstáculos decorrentes e relacionados à luta de classes.

Principalmente a partir de meados da década de 1980, momento em que ocorria no Brasil uma forte efervescência de luta política e democrática em função do fim da Ditadura Militar, muitos grupos passaram a buscar de forma persistente a garantia de seus direitos civis. Esses movimentos revolucionários foram acompanhando as inovações tecnológicas, ao passo que as mesmas aconteciam e consagraram-se, na atualidade, com as plataformas e redes digitais. Desse modo, um simples *enter* possibilita o compartilhamento de informações, ideias e anseios de um grupo em nível mundial.

No momento presente, é comum a existência de uma ligação contínua e virtual entre os jovens e adolescentes, de modo que esses indivíduos já desenvolveram uma convivência pautada nos meios de comunicação virtualizantes. Esses cidadãos,

nomeados nativos digitais, criam grupos, plataformas e comunidades nas redes, no intuito de se comunicar e atualizar diante dos fatos que julgam relevantes.

Nos últimos anos, observa-se que a forma de aprender tem passado por importantes e significativas transformações, colaborando para o aprendizado dos jovens nos espaços escolares e nas redes sociais, ou seja, o aprendizado não se forma exclusivamente na inteligência e na formação de conhecimento, mas também na construção e identificação pessoal; e, ainda, na relação por meio da interação entre as pessoas. Portanto, o processo de desenvolvimento da aprendizagem é formado a partir de diferentes fatores, que incluem o desenvolvimento e a identificação dos alunos entre si e com o espaço em que se libertam das amarras que os oprimem.

De acordo com Lima Júnior (2007, p.67), “Nossas escolas que visam contribuir para que os indivíduos participem ativa e criticamente da dinâmica social, podem e devem investir na nova eficiência e competência, baseadas numa lógica do virtualizante”. Diante ao exposto, propõe-se analisar a utilização da memória individual dos alunos a partir de suas realidades e interpretações acerca do seu cotidiano escolar, bem como acontecimentos históricos registrados em plataformas digitais administradas pelos mesmos, compreendendo ser nesses espaços que constroem o seu local de fala.

O presente trabalho apresenta uma metodologia que aponta para uma pesquisa qualitativa por dispor, conforme Minayo (2016), de respostas para questões muito particulares. Segundo a autora, essa modalidade de pesquisa se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Com respaldo em Minayo (2016), entende-se que esse conjunto de fenômenos humanos é visto como parte da realidade social, pois o indivíduo se diferencia não apenas no agir, mas também no pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade experimentada e compartilhada com seus semelhantes.

As questões particulares propostas por Minayo (2016) para a compreensão dos fenômenos humanos, neste trabalho, serão debatidas a partir de interpretações diretamente ligadas às plataformas digitais estruturadas pelos próprios discentes de Institutos Federais de Educação, tais como “IF Obscuro”, “IFerrados” e “De IF para IF”.

A memória e o seu papel na formação da historicidade

Tornamo-nos aquilo que a memória nos permite ser e é ela que nos faz refletir acerca do que podemos vir a ser. É diante de cada lembrança que desenvolvemos ou esquecemos que nos tornamos sujeitos ímpares. Embora possamos habitar o mesmo lugar em conjunto com outras pessoas e vivenciarmos a mesma situação, a maneira como esse momento será registrado na memória é distinta, possibilitando, assim, pontos de vista e opiniões diferentes.

Tais diferenças, por sua vez, formarão memórias exclusivas e são elas que influenciam a formação da identidade de cada cidadão. Portanto, nenhum indivíduo tem a capacidade de ser idêntico ao outro, consequentemente, mesmo irmãos gêmeos se tornarão seres humanos totalmente diferentes de acordo com as experiências de memória que tiverem.

A exposição das memórias de pessoas desconhecidas rompe com os paradigmas instituídos pela sociedade moderna, que valorizava as grandes narrativas como ícones do passado. As abordagens tradicionais da História, com as quais convivemos durante muito tempo, concentram-se nos feitos dos chamados “grandes homens” (BURKE, 1996), e acabam por ignorar o papel e a representatividade da maioria das pessoas anônimas como fazedores da História de seu tempo.

Diante ao exposto e no contexto da globalização e avanço tecnológico, acompanhamos nas redes sociais dos IF's uma infinidade de manifestações de expressões a partir das interpretações que os alunos fazem dos acontecimentos históricos e suas memórias acerca dos fatos. As manifestações acontecem em forma de textos, reflexões, sarcasmos, paródias e, nos últimos tempos, principalmente a partir dos chamados “memes”, um conjunto de imagens com frases e/ou áudios que promovem de forma cômica a crítica sobre o fato apresentado.

Anteriormente, se eram os registros escritos (cartas, livros, jornais, documentos, etc.) que constituíam elementos históricos para a análise da memória e do passado, atualmente as redes sociais representam o lugar de fala dos indivíduos, uma vez que, a partir de distintas plataformas existentes que alunos e demais envolvidos manifestam suas lembranças e posicionamentos enquanto sujeitos críticos.

Le Goff (2003) explica a memória como propriedade de conservar certas informações com as quais o indivíduo pode atualizar impressões ou informações sobre o passado. Portanto, entende-se a partir do autor que a memória não se limita apenas à faculdade de reter informações adquiridas, pois tanto os seus aspectos biológicos como psicológicos, não é mais do que o resultado de sistemas dinâmicos de organização que apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (LE GOFF, 2003, p. 421).

Destaca-se a importância da memória individual dos sujeitos nas redes sociais na constituição do conhecimento histórico, pois, no que tange a História Cultural, a Memória e a História Oral, as abordagens são bem distintas dos discursos tradicionais do passado que acabam por negligenciar o papel da maioria dos indivíduos anônimos como fazedores da História do seu tempo. É relevante salientar a significância da memória coletiva e o papel que desempenha na sociedade, já que a memória, ainda que individual passa pelo testemunho das pessoas que relatam as suas lembranças/experiências e que, de alguma forma, representam não apenas seu caráter individual, mas permitem entrever um retrato da sociedade.

Assim, torna-se importante ressaltar a essencialidade das experiências de “novos personagens” a partir de suas memórias, pois a História não se apresenta de forma acabada e exclusiva. Nesse sentido, Chartier (2002) atribui ao relato da memória uma espécie de singularização da História, pelo fato de manter uma relação específica com a verdade, haja vista que as construções das narrativas pretendem ser “a reconstituição de um passado que existiu”.

A constituição da História a partir das interpretações dos alunos acerca dos fatos é importante para a formação do sentimento de pertencimento do discente. Conforme Freire (2019) é necessário antes de tudo, fazer com que o aluno perceba sua existência, seu lugar neste mundo, que os indivíduos são singulares e portadores de idiossincrasias e conhecimentos que os tornam únicos. Sendo assim, são senhores de conhecimentos, de cultura, apesar do que julgam as elites letreadas.

Nesse sentido, vale enfatizar que, segundo Thompson (1992), as próprias histórias de vida se ajustam às mudanças, às peculiaridades do lugar em que hoje os narradores vivem. Portanto, para entender o indivíduo se faz necessária a compreensão do meio, assim como descreve também Peter Burke (2010):

Para entender qualquer item cultural, precisamos situá-lo no contexto, o que inclui seu contexto físico ou cenário social, público ou privado, dentro ou fora de casa, pois esse espaço físico ajuda a estruturar os eventos que nele ocorrem (BURKE, 2010, p. 152).

As histórias da vida privada e as realidades experimentadas pelos alunos se materializam a partir dos registros digitais, nas plataformas criadas para que os mesmos possam expressar seus anseios. Tais espaços descrevem a sua essência social, econômica e política, além de contribuir para a formação dos seus aspectos culturais, conforme descreve Paulo Freire (2019):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (FREIRE, 2019, p. 60).

O reconhecimento e a valorização da memória e liberdade de expressão dos alunos nos espaços por eles constituídos contribuem diretamente para o fortalecimento do direito do outro e da perspectiva intercultural apresentada por Moreira e Candau (2008). Segundo os autores, a perspectiva promove deliberadamente a inter-relação entre diferentes grupos culturais. Nesse sentido, esta posição:

Concebe as culturas em contínuo processo de elaboração, construção e reconstrução. Certamente cada cultura tem suas raízes, mas estas são históricas e dinâmicas. Não fixam as pessoas em determinado padrão cultural engessado (MOREIRA e CANDAU, 2008, p. 22).

Escrever a história a partir das memórias e experiências de vida no campo pessoal, familiar, social ou profissional possibilita ao indivíduo reviver lembranças, sentimentos escondidos mesmo que, imaginariamente, esses fatos renasçam nas palavras, nos sorrisos e até nas lágrimas.

Pinceladas históricas: a trajetória dos IF's

As linhas já escritas da História da Educação nos mostram a dualidade da oferta de ensino: uma educação profissionalizante, entregue à população da classe trabalhadora e substitutiva ao nível superior (CIAVATTA e RAMOS, 2011) e outra, propedêutica, voltada a conhecimentos gerais, artísticos e intelectuais, ofertada à elite

(NÓBREGA e SOUZA, 2015). É nesse território de embates e lutas de democratização da educação que se destaca um fato marcante, quando se trata de Educação profissionalizante: a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IF's – a partir da Lei nº 11.892, em 29 de dezembro de 2008.

Implantados durante o governo Lula, os IF's têm como foco a “justiça social, a equidade, a competitividade econômica e a geração de novas tecnologias” (BRASIL, 2010). Surgem com a missão de suprir, de forma rápida, os anseios por uma Educação Profissional, alicerçando os arranjos produtivos locais com conhecimentos científicos e tecnológicos. Além de ofertar educação profissional e tecnológica em todos os seus níveis e modalidades.

Em um breve relato, Pacheco et al. (2010) ressaltam a importância estratégica dessa modalidade de ensino como política pública para o governo Lula da Silva e enfatizam as diversas tomadas de atitudes ocorridas antes da sanção da Lei 11.892. Dentre elas, a quebra de entraves burocráticos como o Decreto nº 2.208/1997, que estabelecia a separação entre Educação Profissional e Educação Básica; a expansão da rede federal em parceria com o setor privado e ampliação da oferta de cursos técnicos, destacam também o burburinho acadêmico a respeito da nova intuição que surgia: um hibridismo de Universidade e Cefet (Centro Federal de Educação Tecnológica).

Ainda sobre a implantação dos IF's, Nascimento et al. (2020) enfatizam que apesar dos investimentos públicos, o quantitativo de matriculados no ensino integrado - ocorrido nas instituições - era insatisfatório. Urgia a necessidade de efetivar nas instituições públicas a oferta de uma educação integrada que buscasse superar a dicotomia do ensino no país. Destarte, os IF's buscam romper com a separação entre o Ensino Médio e o Ensino Profissionalizante ofertando um ensino integrado:

Na proposta dos Institutos Federais, agregar à formação acadêmica a preparação para o trabalho (compreendendo-o em seu sentido histórico, mas sem deixar de afirmar seu sentido ontológico) e discutir os princípios das tecnologias a ele concernentes dão luz a elementos essenciais para a definição de um propósito específico para a estrutura curricular da educação profissional e tecnológica. O que se propõe é uma formação contextualizada, banhada de conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos de vida mais dignos (PACHECO, 2010, p. 15).

O desafio estava lançado. Era necessário romper com o conceito instalado de que a educação voltada ao trabalho produziria apenas mão de obra e compreender que educação e trabalho se relacionam intrinsecamente. Destacam-se aqui as afirmações de Saviani (2007) que ao perpassar por uma visão histórica e ontológica da relação Educação e Trabalho conclui que elas estabelecem um vínculo de identidade e vão constituindo-se à medida que essas relações vão se estabelecendo e, consequentemente, fundem-se. Entender essa fusão é essencial para enxergar o trabalho como um processo inerente ao homem.

Lukács, citado por Frigotto (2000, p. 6) “mostra que é pela atividade consciente do trabalho que o ser humano se transcende como ser da natureza orgânica e se constitui ser social, dando respostas às suas necessidades vitais”. Adotando essa concepção pode-se compreender que o trabalho é educativo, visto que o homem apropriar-se-á de conhecimentos históricos e culturais produzidos coletivamente, necessários à sua humanização.

No tocante as orientações pedagógicas dos IF's, a educação para o trabalho deve ser entendida “como potencializadora do ser humano, enquanto integralidade, no desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa com a realidade, na perspectiva de sua emancipação” (PACHECO, 2010, p. 29). Como instituições que atendem desde o Ensino Básico a programas de pós-graduação, os IF's se sustentam no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão. Desse modo, a formação do trabalhador deve compreender que a pesquisa e a extensão devem ir além de conhecimentos científicos, tendo aplicabilidades nos arranjos sociais e locais, nos quais o trabalhador está intrinsecamente inserido.

Após um decênio de sua instalação, os IF's se fortaleceram por meio da divulgação das suas atividades, dos resultados que apresentam e proximidade que tentam estabelecer com as comunidades nas quais estão inseridos; para tal, os IF's utilizam as plataformas, traçam estratégias que visam atender os sujeitos, desenvolvendo o papel social e a constituição da sua história e memória individual e coletiva, fornecendo suporte educacional e profissional.

Histórias postadas, memórias compartilhadas

Na contemporaneidade, quando pensamos em estabelecer vínculos sociais, nosso primeiro pensamento são as redes sociais virtuais. De origem latina a palavra “rede”, em seu sentido denotativo, é um entrelaçamento de fios que forma uma espécie de tecido com múltiplas utilidades. Metaforicamente, a ideia de entrelaçamento toma outro significado. Pode representar as relações sociais que se constroem por meio dos canais de comunicação e que vão se erguendo nos espaços virtuais, espaços estes que se constituem de “produções de sentidos, permitindo-nos elaborar e partilhar os novos significados construídos em trânsito” (SIMÕES, 2020, p. 201). Agreguemos, nesse contexto, o entendimento de que os conhecimentos se constroem em um universo interdependente, nos quais seus sujeitos exercem seus poderes e podem alterar a realidade (PRETO e SILVEIRA, 2008).

No universo das redes sociais, destacamos o *Facebook* e suas comunidades virtuais. Criado em 2004 por um grupo de amigos, a rede social surgiu com o objetivo de que estudantes de uma faculdade compartilhassem informações. No entanto, rompendo todas as expectativas dos criadores, em 2012 a rede cresceu e atingiu um bilhão de usuários. Atualmente, possui mais de dois bilhões de usuários e quando voltamos nossos olhos ao Brasil, encontramos um total de 120 milhões de pessoas conectadas (Relatório Digital 2020; WEARE SOCIAL, 2020). Ao criarem um perfil no *Facebook*, os usuários têm a possibilidade de manter as relações pessoais já existentes, estreitar novas amizades e criar novos vínculos. A plataforma permite a publicação de imagens, vídeos e textos variados, possibilitando ao usuário a inserção em algum grupo ou comunidade, no qual se pode ser lido, visto e percebido por outrem.

Destarte, as comunidades sociais virtuais estão se tornando essenciais. Adotamos aqui o conceito de que as comunidades virtuais permitem “designar grupos de pessoas que se relacionam no ciberespaço através de laços sociais, onde haja interesses compartilhados, sentimento de comunidade e perenidade nas relações” (MACHADO; TIJIBOY, 2005, p. 2). Os grupos sociais virtuais são espaços de discursos e veiculação de informações que permeiam inúmeras pessoas. São ferramentas que atingem as esferas mais variadas. Podem ampliar, delimitar ou mesclar os territórios. São convites para repensar as relações em tempos pós-modernos.

As redes sociais virtuais assemelham-se ao mar, suas postagens são como ondas que por ventura e porventura podem nos trazer surpresas. As postagens nas comunidades dos IF's são revestidas de humor e descontração, mas têm como pano de fundo as vivências do alunado que, nas escritas, revelam-se como narradores de si mesmo.

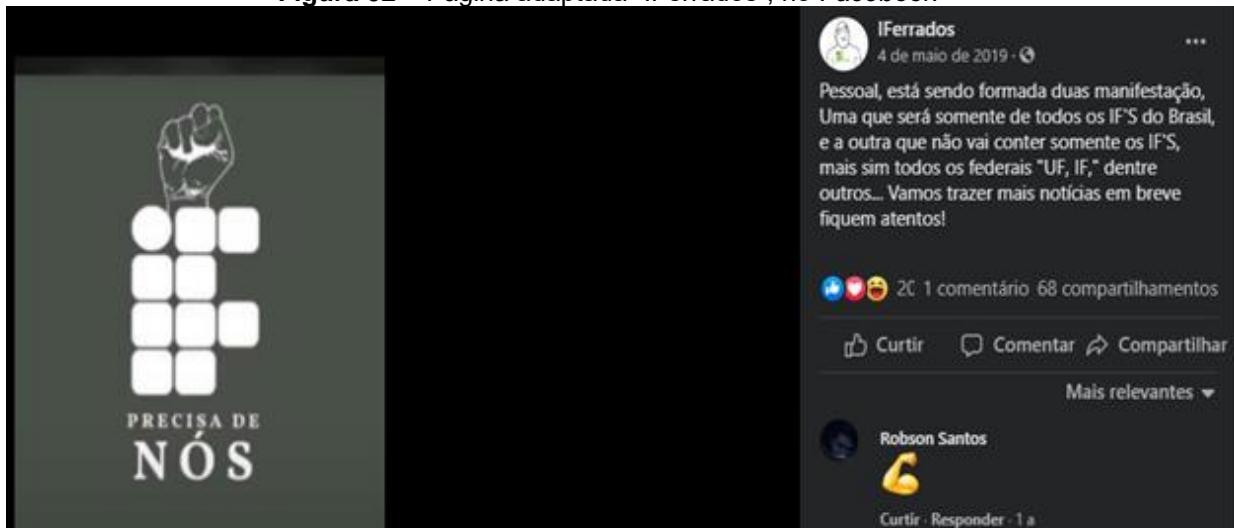
Navegando pelas postagens das comunidades virtuais, destacamos o mosaico de publicações com temáticas que veiculam a importância dos IF's, dos cursos ofertados, da devolutiva para a sociedade, nas quais estão inseridos.

Figura – Página adaptada do “IF Obscuro”, no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/ifobscuro>

Figura 02 – Página adaptada “Iferrados”, no Facebook⁴



Fonte: <https://www.facebook.com/lferrado>

Figura 03 – Página adaptada “Iferrados”, no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/lferrado>

Os posts publicados abordam preocupações políticas das juventudes do IF e explicitam os debates que ocorrem dentro da instituição de ensino. Estão imbuídos de carinho e respeito pela escola e o chamamento à participação do usuário implica o debate. Essa estratégia para atrair a atenção é importante para ampliar a frequência de participação, o compartilhamento e a visibilidade do assunto. Dessa forma, as

⁴ Pessoal, estão sendo formadas duas manifestações. Uma que será somente de todos os IF'S do Brasil, e a outra que não vai conter somente os IF'S, mas sim todos os federais "UF, IF," dentre outros...Vamos trazer mais notícias em breve, fiquem atentos! Texto publicado pelo administrador da página.

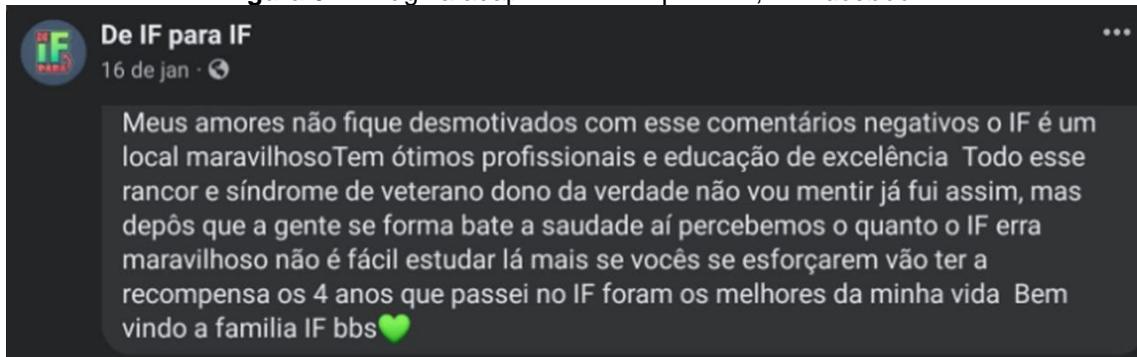
escritas do *Facebook* vão se constituindo como interesses culturais, uma vez que registram as inquietudes de um grupo.

Nessas comunidades sociais virtuais, as escritas acontecem sem a mediação de profissionais, sendo elaboradas pelos usuários que se tornam autores-protagonistas enquanto consomem e difundem conteúdo. A exposição dos discursos nas redes, com tamanha visibilidade, permite atingir um antigo sonho da humanidade: universalidade e interatividade (CHARTIER, 1999).

Considerando que as práticas discursivas são momentos de troca com os interlocutores, produção de sentido e ressignificação da linguagem, comprehende-se que ela é balizadora para a constituição das memórias sejam elas individuais ou sociais, já que é por intermédio da linguagem que exteriorizamos nossas vivências. Portanto, ao escrevermos explicitamos a nossa singularidade, somos elementos que se revestem de poder. Nossa discurso encontra outros e esses, de forma uníssona, marcam o momento histórico em que vivemos.

Na fluidez das relações sociais virtuais, as escritas digitais revelam-se como estratégias utilizadas pelos usuários para constituir relações de afeto, marcar a identidade e partilhar momentos vividos nessas instituições de ensino.

Figura 04 – Página adaptada “De IF para IF”, no *Facebook*



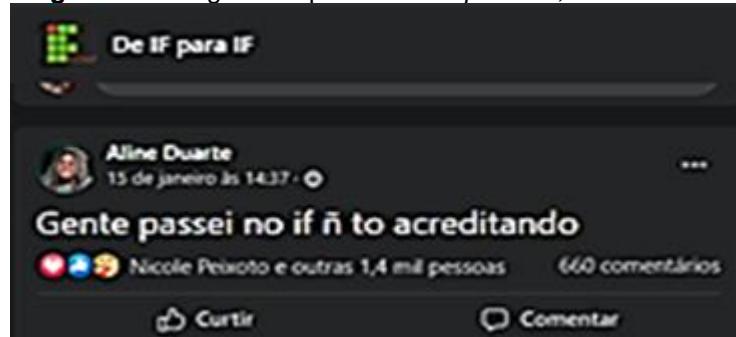
Fonte: <https://www.facebook.com/DelFparaIF>. Acesso em janeiro de 2021.

A postagem da egressa na comunidade vem carregada de sentimentalismo, retoma a instituição escolar por meio da função emotiva, como *lócus* de boas experiências e significativa para a sua trajetória profissional: “mas se vcs se esforçarem, vão ter a recompensa”. Esse fato nos faz rememorar os estudos de Delory-Momberger (2008) ao destacar que a escola é portadora de história, uma vez

que seleciona, influencia nas expectativas e projetos dos alunos e suas famílias, mediante a sua transmissão – aquisição de saberes.

Não é ousado dizermos que instituição escolar, alunos e memórias constituem uma amálgama: afinal, é na escola que passamos uma parcela de nossas horas. Ela é a instituição responsável pela constituição como sujeito, não apenas por permitir a construção de uma gama de conhecimentos sistematizados, mas também por desenvolver habilidades por meio do convívio com outros indivíduos. É ela quem permite a experimentação de variadas situações afetivas que podem ser negativas ou positivas e, assim, impactar na vida dos educandos (NETO e SANTOS, 2017).

Figura 05 – Página adaptada “De IF para IF”, no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/DeIFparaIF>. Acesso em janeiro de 2021.

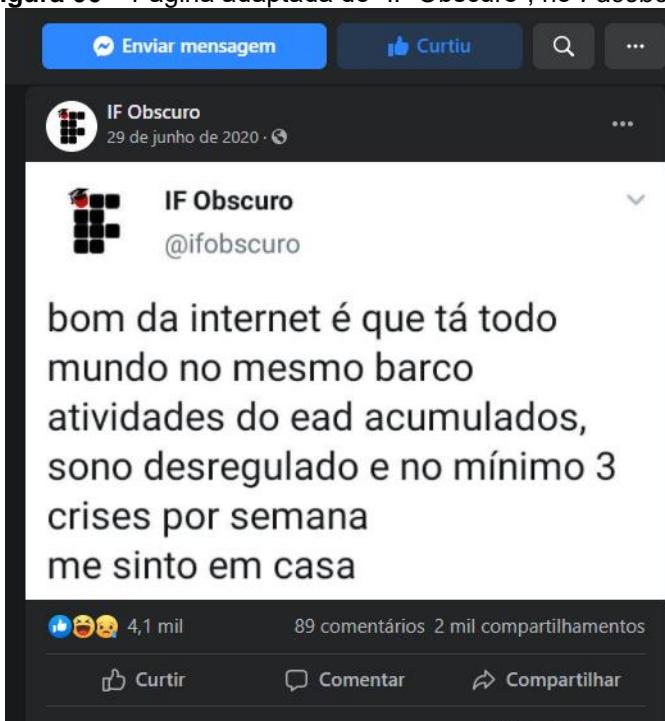
Tomando as escritas como fundantes da memória tanto individual quanto coletiva, nomeamos as postagens virtuais como documentos históricos por serem produtos dos sujeitos. Trazem arraigadas as suas perspectivas, proporciona a compreensão do passado e os desdobramentos do presente. Ao observar a postagem acima, destacamos o estudo de Simões (2019), quando sugere que ao conhecer sobre as histórias das escolas, podemos atribuir sentido às experiências manifestadas por intermédio dos relatos.

O *post* da usuária da comunidade virtual “IF para IF” é simbólico; evidencia a importância que os IF's adquiriram desde a sua criação, mostrando-se como decisão acertada para o cenário educacional no que tange ao ensino integrado. No entanto, ao mesmo tempo, traz à baila uma problemática da educação brasileira: a discrepância no ensino público, em um contexto que determinadas instituições são mais prestigiadas do que outras. Percebe-se na postagem que entrar em uma instituição federal é mérito pertencente a um grupo seletivo, que merece ser

comemorado e compartilhado. Assim, aproximamo-nos de Gondar e Dodebei (2005) ao compreender que a memória é resultante de uma construção, não para rememorar o passado, mas sim para reconstruí-lo a partir de nossas perspectivas.

Os *posts* sobre os IF's, nas suas mais variadas comunidades, vêm majoritariamente revestidos de ironia, trazem aos olhos as ansiedades dos alunos e têm como pano de fundo os acontecimentos acadêmicos, como se pode examinar na escrita postada.

Figura 06 – Página adaptada do “IF Obscuro”, no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/ifobscuro>. Acesso em janeiro/2021.

O *post* do administrador traz à tona uma temática sensível à comunidade escolar: o ensino remoto que ocorre em todo o cenário nacional, quiçá no mundo devido à pandemia da COVID, ocorrida em 2020. De uma forma irônica, com uma linguagem coloquial que se assemelha a um desabafo, apresenta a problemática aos usuários sobre o acúmulo de atividades, a organização e as crises de ansiedade geradas. A postagem atingiu 4,1 mil de reações variadas e dois mil compartilhamentos.

Com uma visão meticulosa destacamos que as publicações comumente decorrem da atividade dos administradores. Estes recebem as mensagens oriundas

dos diferentes membros da comunidade. Nesse panorama, de certa forma, o leitor usuário intervém diretamente na produção e conteúdo. Não há mais distinção de autoria, visto que o administrador não está identificado. O leitor pode apropriar-se do discurso, visto que este está revestido de uma escrita coletiva. Dessa forma, o texto digital caracteriza-se como móvel, maleável e aberto (CHARTIER, 2002), ultrapassando o campo das memórias individuais e adentrando as fronteiras da memória social.

Considerações finais

Como indicado anteriormente, o objetivo desse trabalho não é evocar discussões aprofundadas no campo da memória social, haja vista que consideramos o conceito de memória amplo, complexo, que abarca distintos campos de estudos. Tomamos a liberdade de afirmar que o campo está sempre em construção, uma vez que conceitos existem em função de problemas e estes, sempre se modificam (GONDOR; DODEBEI, 2005).

Nossa tentativa foi problematizar as postagens nos grupos sociais virtuais, compostas por alunos e egressos dos IF's. É preciso considerar que no *ciberespaço*, as informações circulam de forma muito rápida, surgem, modificam-se e desaparecem (LEVY, 1999). A partir disso, tomamos as postagens como fontes historiográficas para a Educação, já que, mesmo no tempo presente, vêm imbuídas de valores simbólicos e representam experiências e olhares que não estão em documentos oficiais. No mar da *Web*, as postagens abrem uma gama de discussões ao considerarmos que suas escritas digitais representam o protagonismo do usuário leitor, lugar onde ele relata experiências pessoais, carregadas de sentimentalismo ou faz um chamamento para politizar questões da atualidade.

Cabe ressaltar que as comunidades virtuais não são “terras sem leis”, os espaços são administrados e possuem regras, as postagens vindas dos usuários passam pelo crivo dos organizadores, no entanto, isso não impede que os usuários se sintam representados pelos discursos que abarcam a vivência e os dilemas do universo escolar dos IFs.

Todavia, apesar de atribuírem aos usuários espaços para se manifestarem, é mister destacar que as redes sociais virtuais representam instituições com fins lucrativos. Estas administram com interesses corporativos e, consequentemente, regulam a circulação das informações, utilizando mecanismos de controle e até mesmo censurando determinados conteúdos. O que acarreta a construção de um ideário de liberdade, mesmo que ilusória, são as possibilidades de expressão sobre variados assuntos entregues aos usuários através do quantitativo de caracteres, que é limitado; também o uso de imagens e nomes para elaboração de perfis, que permitem a criação de múltiplas identidades.

No campo da escrita, destacamos que a linguagem tida como instrumento de interação social é elemento fundante das memórias, sejam elas individuais ou coletivas. Destarte, encontramos nas publicações virtuais das comunidades dos IF's elementos de valor para a Historiografia da Educação, haja vista que nos permitem compreender essa etapa tão importante para o desenvolvimento dos indivíduos sob a ótica dos estudantes que enquanto revelam-se por meio de suas escritas, escrevem também a história da instituição.

Ao considerarmos “as postagens do *Facebook* como ondas espalhadas em mares virtuais” (SIMÕES, 2019, p. 217) e suas múltiplas possibilidades, acreditamos que a temática está à disposição dos pesquisadores para ser contemplada sob diferentes aspectos, pois representam as práticas de linguagem e memórias da escolarização, ricas em valores culturais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 dez. 2008a, Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Um novo modelo em Educação Profissional e Tecnológica.** 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 14 jan. 2021.

BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In: _____ (Org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Mari Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: editora UNESP, 1999.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil Dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011. Disponível em:

<<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/45/42>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: Figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN - 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje**. Disponível em:

<http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/CAPITULO_7.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social?** GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA JUNIOR, Arnaud Soares de. **A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação**: do dialético ao virtual. Salvador: EDUNEB, 2007.

MACHADO, Joicemegue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **CINTED-UFRGS - Novas Tecnologias na Educação**. v. 3 nº 1, Maio, 2005. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13798/7994>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

NASCIMENTO, Matheus Monteiro. et al. Dez anos de instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: o papel social dos institutos federais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. vol.101, no. 257 Brasília Jan./Apr. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217666812020000100120&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 jan. 2021.

NETO, Ingrid Luiza; SANTOS, Higor Barreira dos. Investigação das memórias escolares de estudantes universitários. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 21, Número 3, Setembro/Dezembro de 2017: 561-571. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/nRCKrSS8m5kZbyvGQVHmhGH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2021.

NÓBREGA, Erickson Faustino da; SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Educação Profissional no Brasil: uma trajetória de dualidade e exclusão. **Revista Ensino Interdisciplinar**, v. 1, nº. 03, Dezembro/2015 UERN, Mossoró, RN – 266 a 276. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/1698/918>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os institutos federais:** uma revolução na educação profissional e tecnológica. Natal: IFRN, 2010. Disponível em: https://fundacaosantillana.org.br/wpcontent/uploads/2019/12/67_Institutosfederais.pdf. Acesso em: 17 jan. 2021.

PACHECO. Eliezer Moreira. et al. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia:** limites e possibilidades. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 16, n. 30, p. 71-88, jan./jun. 2010.

PRETTO, Nelson de Luca.; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Além das redes de colaboração:** internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Nelson De Luca Pretto e Sérgio Amadeu da Silveira Salvador (orgs). Edufba, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/211/4/Alem%20das%20redes%20de%20colaboracao.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SAVIANI. Demeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 12, p. 153-180, jan/abr. 2007.

SIMÕES, Robson Fonseca. Memórias postadas, histórias compartilhadas: a educação rondoniense nas páginas do Facebook. **Revista de História e Historiografia da Educação**. Curitiba, Brasil, v. 3, n. 8, p. 198-220, maio/agosto de 2019.

SIMÕES, Robson Fonseca. Posts na página do Dom Bosco Rondoniense: histórias escolares no Facebook. **Revista Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, Brasil, v. 16, n. 38, p. 199-218, janeiro/março de 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lório Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WEARE SOCIAL. **Relatório Digital 2020**. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>>. Acesso em: 19 jan. 2021.